

**Teoria, conhecimento e
pragmática da
comunicação: o paradigma
pulsional**

Theory, knowledge and pragmatic
communication: the instinctual
paradigm

Teoría, el conocimiento y la
comunicación pragmática: el
paradigma instintiva

Potiguara Mendes da Silveira Jr.¹

RESUMO

Parte-se do estado da arte feito por Muniz Sodré (2012a) sobre a abordagem acadêmica do campo comunicacional e a dificuldade para defini-lo em seu aspecto "científico". No intuito de prospectar além dos paradigmas identificados por Sodré (o sociológico, dos efeitos; e o semiótico, dos códigos), propõe-se o paradigma pulsional que orienta a Transformática, teoria psicanalítica da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Teorias da comunicação; Conhecimento; Psicanálise.

ABSTRACT

According to the state of the art – made by Muniz Sodré (2012a) – of the academic approach of the communication field, there is a great difficulty in defining this field as "scientific". In order to examine beyond the two paradigms depicted by Sodré

¹ Pós-doutorado pela Universidade Nova de Lisboa (Centro de Estudos de Comunicação e Linguagem/ UNL) (2006); doutorado (1992) e mestrado (1983) em comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO / UFRJ); graduação em comunicação pela Universidade Estácio de Sá (1976); formação em psicanálise (Colégio Freudiano / NovaMente / RJ) (1975-). Professor titular da Faculdade de Comunicação da UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora. Departamento de Comunicação e Artes. E-mail: potiguaramsjr@uol.com.br.

(sociological and semiotic) this paper exposes the "drive (Freud: *Trieb*) paradigm" which is the basis of Transformatics, the psychoanalytical theory of communication.

KEYWORDS: Communication theories; Knowledge; Psychoanalysis.

RESUMEN

Se inicia con el estado de la técnica hecha por Muniz Sodré (2012a) en el enfoque académico del campo de la comunicación y la dificultad de definirla en su aspecto "científico". Con el fin de perspectiva más allá de los paradigmas identificados por Sodre (la sociológicos, los efectos y los semióticos, códigos), se propone paradigma instintivo que guía Transformática, la teoría psicoanalítica de la comunicación.

PALABRAS CLAVE: Teorías de la Comunicación; conocimiento; Psicoanálisis.

Recebido em: 17.09.2015. Aceito em: 16.11.2015.

Introdução

Tomaremos como referência e contraponto para nossa exposição o recente estado da arte feito por Muniz Sodré (2012a)². Afirma ele que, de seu início até hoje, a abordagem acadêmica do campo comunicacional se dividiu em dois grandes paradigmas: o paradigma sociológico dos efeitos (comunicação funcional, Escola de Chicago) e o paradigma semiológico do código (estruturalismo, Saussure, C. S. Peirce). Dividir assim interessa a nossos propósitos pelo fato de que, segundo Sodré, “falar de paradigma é pôr em cena o *problema do conhecimento* [grifos nossos] implicado na comunicação se mera prática social, se doutrina, se campo científico” (p. 12). Isto acrescido de que, ao final dos anos 1980, “vão se tornando fluidas as fronteiras entre campos outrora bem demarcados (fenômeno análogo à crise dos gêneros na literatura) no pensamento social” (p. 15). E, uma vez que a força ensaística dos europeus (sobretudo, dos franceses) perdeu o impulso adquirido na década anterior,

restou, na periferia norte-americana e latino-americana, a paisagem fragmentária das dezenas de tentativas teóricas (cada um buscando apresentar a *sua* teoria) e das pequenas descrições funcionais, alimentadas pela obrigatória performance universitária (p. 23).

Mas, ainda assim, “a palavra *comunicação* manteve-se como rubrica acadêmica na administração pedagógica das universidades” (id.) – o que, aliás, segundo ele, nem um pouco ajudou na definição epistemológica do campo.

Destaque-se ainda a formulação resultante da “obrigatória performance universitária” aludida acima, que ganha realce por ser fruto da observação de alguém que desde os anos 1970 é justamente partícipe notório e influente nesse percurso universitário:

Hoje, apesar de algumas tentativas isoladas, o campo permanece cientificamente tão ambíguo quanto no passado, em meio a milhares de

² Na sequência do que já apresentara em (Muniz, 2007) e que reitera em (Muniz, 2012b).

estudos recortados sobre todo tipo de tema imaginável, se não diretamente relacionado à prática industrial da mídia ou do espetáculo diversificado, pelo menos permeável à colagem do par *comunicação / informação* ou ajustável ao vago rótulo de *estudos culturais* (p. 23-24).

Descortina-se, assim, um panorama em que, “sob o influxo da pura e simples reprodução, as teorias flutuam como moeda sem lastro, remetendo indefinidamente umas às outras, por meio da exegese de tipo universitário” (p. 24).

Tomamos este estado da arte por estar bem fundamentado, por sublinhar sua dependência ao modo universitário e, em linhas gerais, não diferir do que se lê em textos de outros estudiosos. Pode-se discordar mais ou menos aqui ou ali, mas parece consenso a grande dificuldade em circunscrever o “campo comunicacional”, sobretudo em seu aspecto “científico”.

Iniciamos, então, nossa exposição registrando que quando se diz “problema do conhecimento implicado na comunicação”, é preciso considerar que o “problema do conhecimento” não é algo já definido de uma vez por todas. Hoje, trata-se de pensar o conhecimento como sendo de qualquer ordem, e não apenas aquele definido pelas epistemologias ou aquele restrito à paradigmática universitária detectada por Sodré. Cabe, portanto, prospectar outras possibilidades de abordagem.

O paradigma pulsional e o revirão

A perspectiva que nos interessa vê grande vantagem justo no fato de o campo permanecer “cientificamente tão ambíguo”, a de mantê-lo em sintonia com o modo de pensamento em vigor no atual ambiente multiconectado e multiacessável em que “o problema do conhecimento implicado na comunicação” não cessa de se reformatar a todo momento. A aposta é: outros paradigmas, além dos dois mencionados por Sodré, podem ser (e efetivamente foram) avançados sem ser

preciso recair na reprodução e na exegese de tipo universitário. Ao contrário, podem possibilitar competentes entendimentos (ainda que, ou mesmo porque, provisórios e aproximativos) do que seja comunicação *tout court* e de como tratar adequada e inventivamente seus processos e efeitos (sociais, mentais, científicos, midiáticos, tecnológicos, etc.).

Daí, então, nosso recurso ao *paradigma pulsional* (sexual), aquele que norteia a Transformática, teoria da comunicação apresentada pela Nova Psicanálise³ nos anos 1990 (Magno [1996]). É um paradigma que dificilmente se inclui no rol das “disciplinas do pensamento social” (Sodré, 2012, p. 21). Mesmo que a psicanálise tenha alguma inserção na estrutura disciplinar da universidade, esta inserção nunca é cômoda, já que ela não opera mediante fronteiras (disciplinares ou outras) e o que lhe é específico como experiência, como tratamento e modo de pensar (sobre as pessoas, a mente, a ciência, a cultura...) extrapola métodos vigentes na academia. Isto, é claro, não exclui que ela trate – e é o que faz, *segundo protocolo próprio* – de questões também tratadas pelo “pensamento social” ou outros.

Ela tampouco se prende aos parâmetros ditos científicos (aliás, hoje, em franca mutação), mesmo estando, como a ciência, interessada na descrição (qualitativa e quantitativa) da composição e do funcionamento das formações⁴, assim como se aplica em intervir nestas formações e investe na possibilidade de criação de novas formações (próteses)⁵. E sua doutrina, esta, compõe-se de princípios não apenas discursivamente estabelecidos e regrados por parâmetros da lógica clássica, mas, sim, retirados dos resultados obtidos em seu laboratório (clínico, empírico), que toma

³ Criada por MD Magno (cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/MD_Magno) nos anos 1970.

⁴ *Formação*, como veremos a seguir, é um conceito básico para a teoria.

⁵ A psicanálise “é uma *ciência conjectural*, parecida com a meteorologia. Ela não diz como deve ser, ela só pode acompanhar os acontecimentos, os psíquicos como os meteorológicos, espreitando sua tendência e, quando possível, sugerindo previsões. Sempre precárias, no entanto cada vez mais aproximáveis, pois, de repente, se configura para nós o que é” (Magno [2009], p. 83).

a estrutura mental como determinada inconscientemente⁶ (isto é, como caótica e complexa, em determinismo sem previsibilidade) (Magno [2009], p. 118s).

O paradigma pulsional concerne ao que Freud propõe com o conceito que chamou de “pulsão de morte” para descrever o que detectava no psiquismo, mas que era também extensivo à vida orgânica: uma pressão compulsiva, repetitiva e tendente a reduzir a zero qualquer excitação que surgisse⁷. Hoje, sobretudo após os desenvolvimentos da termodinâmica, do conceito de entropia, das pesquisas sobre a supersimetria, etc., não é mais preciso associar a Pulsão (*Trieb*) a alguma “morte”, pois é possível pensar que essa compulsão repetitiva está a serviço da pressão de um movimento ubíquo, ineliminável, constante, presente no que há, no *Haver* – outro conceito importante (Alonso, 2010) –, cujo sentido último é o de sua própria extinção enquanto movimento. Extinção esta que, apesar de requisitada, nunca ocorre de fato.

É, aliás, o que podemos constatar, por exemplo, agora quando lemos este texto: a experiência de *haver* aqui, e também de que *há* formações aqui. Isso não pode ser negado de modo algum, afeta diretamente a todos – é uma “condenação” a *haver* –, e mesmo o eventual perecimento de cada um jamais eliminará o fato de ter havido ou tampouco trará a certeza de que as formações deixarão de continuar a *haver*. Como veremos, pensar tomando o *Haver* como experiência e condenação (a nele permanecer sem saída possível) conduz os raciocínios em direção diversa às considerações filosóficas da ordem do Ser, que dizem respeito apenas às descrições discursivas dessa experiência bruta e direta (de todos e cada um) de que *Há*. Isto é, repetindo, de que inegavelmente cada um há e de que há formações.

⁶ Isto é, *hiperdeterminada* para além das sobredeterminações (opositivas, lateralizadas) vigentes no âmbito da Consciência. Cf. Freud ([1925], p. 258): “[ao contrário do que é para a filosofia] o psíquico é antes *inconsciente* em si, [e] estar consciente é apenas uma qualidade que pode ou não juntar-se ao ato psíquico particular e nele nada mais altera, caso fique ausente”. Ou então ([1923], p. 279): “Uma forte confiança no estrito determinismo da psique teve participação na escolha dessa técnica [da “associação livre”] para substituir a hipnose” (p. 279).

⁷ Freud (1920) identifica esta tendência ao analisar o que ocorre na transferência entre analista e analisando, nos sonhos traumáticos dos neuróticos de guerra e nas brincadeiras das crianças.

Para expressar esse sentido pulsional, de requisição de extinção absoluta do que há, a nova psicanálise enuncia uma Lei: “Haver (A) desejo de não-Haver (Ã)”, que se formula como: $A \rightarrow \tilde{A}$. Esta Lei busca expressar um acontecimento geral – da ordem da *physis* (não há aqui diferença mente / corpo, ou espírito / matéria) –, e não algo convencional na ordem do discurso. E mais, ela diz que só há desejo de não-Haver, e não de haver, o que descarta qualquer definição edificante para a “vida”. Esta é vista apenas como *resistência* ao sentido de extinção do movimento do Haver. Movimento este que, a rigor, é inconsecutível, pois não há como levá-lo a um fim, isto é, a efetivamente não mais haver e ainda continuar desejando não-Haver. Só lhe resta, então, permanecer indo a um ponto máximo de intensificação, de exasperação, não conseguir não haver, revirar para “dentro” de si mesmo por ausência de saída (pois o não-Haver, como diz o nome, não há), suspender e avessar os sentidos de suas polarizações, continuar nesse impulso constante de buscar não haver, não conseguir, revirar de novo...

Esse movimento pulsional presente no que há, não se sabe por que, replicou-se na mente como competência de base: a competência mental de, além de propor oposições, neutralizá-las e disponibilizar passagens de um polo a outro em continuidade. Chama-se de *revirão*⁸ (Magno [1982]) a esta competência operacional da mente e do Haver. O revirão, além de suas implicações cosmológicas, abrange o que foi descrito como as reversões e viravoltas recorrentes na história da humanidade (amor passar a ódio, vencidos a vencedores... e vice-versa), mas, sobretudo, é a operação que rege as transformações criadoras e inovativas de nossa espécie. Toda transformação supõe o recurso *a* e o percurso *por* esse lugar de neutralidade. Nele, a heterogeneidade aparentemente intransponível das formações se desfaz diante da *homogeneidade*, que, esta, é uma característica básica do campo do Haver.

⁸ Para mais detalhes, cf.: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Revir%C3%A3o>

Freud se interessou por atos falhos, chistes e sonhos justo por ver neles um lugar privilegiado de funcionamento desses fluxos, refluxos e mudanças entre as formações, quaisquer que fossem, a ponto de se *in-diferenciar* e não mais sabermos quais são quais, ou quais são o quê. Abrem-se assim possibilidades de aparecimento de formações até então recalcadas, e, conseqüentemente, de novos sentidos e encadeamentos para as situações. A rápida evolução da tecnologia e a transfusão comunicacional dos tempos atuais trouxeram condições para estender o alcance dessa competência de *in-diferenciar* ao próprio Haver em geral, não mais a restringindo às formações psíquicas que Freud investigou.

É esse ponto de indiferenciação das oposições, chamado de *ponto bífido*, que caracteriza a operação do revirão para além de qualquer dialética. A passagem de um polo da oposição a outro já foi detectada por vários pensamentos, mas trata-se aqui da *suspensão* – ainda que por um instante – do próprio caráter opositivo das formações que pressionam e são pressionadas em sua agonística dentro do Haver. Este ponto bífido não se situa ‘entre’ as oposições, nem produz alguma *coincidentia oppositorum* (Cusa [1514], p.168-174) – uma androginia, por exemplo – entre elas, mas é, sim, um ponto *terceiro*, em que, como dissemos, se disponibiliza a possibilidade de criação (não de sínteses, mas) das *próteses* (artísticas, mentais, tecnológicas) que têm caracterizado o modo de existir de nossa espécie. Temos, pois, a equação psicanalítica em que, mediante uma *ek-tese* (a tese da requisição de um “fora”, de um não-Haver), suspende-se a oposição *tese x anti-tese* possibilitando o advento de uma *pró-tese*: tese x anti-tese / ek-tese = pró-tese.

A teoria polar, o conhecimento e a transa das formações

Como vimos, a nova psicanálise alça o conceito de pulsão à posição de articulador geral da teoria psicanalítica e destaca a operação do revirão como básica no funcionamento do Haver. Dado que este articulador (a pulsão) e esta operação (o

revirão) estão presentes de saída em suas ações, ela toma o que quer que se manifeste no Haver como emergências *artificiosas*, sejam emergências espontâneas, que estão aí desde sempre, ou industrialmente produzidas⁹. E mais, qualquer destas emergências (espontâneas ou industriais) é considerada uma *formação*: uma coalescência resultante da partição, do enantiomorfismo¹⁰ e da fractalização¹¹ que acontecem diante da impossível realização do revirão último (aquele entre Haver e não-Haver).

O termo *formação* é fundamental para nossos raciocínios. Ele diz respeito à *teoria polar das formações* que a nova psicanálise vem desenvolvendo junto com sua teoria do conhecimento denominada *Gnômica* (cf. abaixo). Para esta teoria, o que há são formações. Mesmo gente, humanidade, nossa espécie, são formações. Estas são chamadas *Idioformações*¹² porque, além de características biológicas e comportamentais presentes em muitos dos seres vivos também portam o revirão que vimos acima. Por isso, apenas uma idioformação, tal como definida pela nova psicanálise, tem “condições de trans-por sua própria formação” (Magno [1996], p. 393), mas sua presença não é necessária para que haja conhecimento.

As formações são compostas de um aglomerado de formações que não têm como impedir seu movimento de transformação em outra coisa que não elas mesmas, ainda que esta transformação leve milênios para ocorrer. O que conseguem é pontualmente manter-se enquanto “*polos*, configurados como formação e como resistência” (Magno [2005], p. 113). São polos constituídos por uma zona *focal*, onde se concentra sua força maior, e uma zona *franja*, cujo término não se tem como

⁹ São *artifícios* de dois tipos: *espontâneos* e *industriais*.

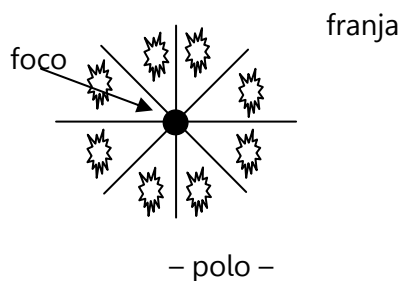
¹⁰ Referente a pares de elementos opostamente simétricos, cujas imagens são especulares, mas não idênticas. Por exemplo, um par de luvas, de cristais, de moléculas...

¹¹ De *fractal* (quebrado), termo criado pelo matemático Benoit Mandelbrot (1924-2010) em 1975 para designar uma figura geométrica não euclidiana que expressa propriedades sem “definição clara: o grau de aspereza, ou de fragmentação, ou de irregularidade de um objeto. Um litoral sinuoso, por exemplo”. A geometria fractal estuda as propriedades e o comportamento dos fractais e supõe que “o grau de irregularidade permanece constante em diferentes escalas” (Gleick, 1990, p. 93).

¹² As idioformações de nosso caso terrestre são chamadas de *pessoas*.

definir. A *teoria polar das formações* é aquela que reconhece a existência de polos e busca apreendê-los mediante a descoberta de focos e a descrição aproximada da franja (id., p. 115).

Trata-se aí de pensar em aglomerados de formações sem fronteiras, mas que se polarizam e se configuram como formação e como resistência. No polo assim concebido, o foco pode ser situado, mas não sua franja, que é interminável e está intrincada com franjas de outros polos. Por não pensar aplicando fronteiras, a teoria polar supõe que as formações se co-movem e podem se acoplar (comunicar) umas às outras a ponto de se transformarem. Isto é pensável mediante a ideia de haver entre elas o ponto neutro em que, como vimos acima, há “indiferença entre as formações”¹³ (id., p. 122).



Dada, então, a teoria polar das formações, podemos entender que a teoria psicanalítica do conhecimento, a Gnômica, visa o “mapeamento possível entre formações do Haver” na “procura de uma formação que melhor se encaixe com outra” (Magno [1994], p. 142). Como ela “considera qualquer dessas formações no mesmo registro, no mesmo âmbito de origem: são todas Formações do Haver”, o que lhe cabe precisar são “seus materiais, seus modos de produção, suas articulações internas e externas” (Magno [1996], p. 391) aqui e agora, *ad hoc*. O conhecimento é,

¹³ Isto porque a Mente – entendida como instância que: abrange o que há, é relacional e transacional, sem dentro ou fora –, diante do que quer que haja ou venha a haver (ainda que apenas em pensamento), opera conjecturando sobre a possibilidade de o oposto daquilo também (vir a) haver.

portanto, entendido como o que resulta de uma *transa*¹⁴ *entre as formações* – outra noção importante da teoria –, incluindo ou não a presença de uma idioformação nesta *transa*: simplesmente “algo se anota quando algo se dá” (Magno [2000/01], p, 72). Se o conhecimento se explicita somente com a participação de alguém ou de alguma formação preparada por alguém com este propósito, isto apenas implica a necessidade dessa participação *na explicitação*, “mas não que seja desse alguém a produção” (Magno [1998], p. 75).

O que interessa é a *transa* entre as formações – na qual pode estar presente uma ou mais pessoas, isto é, idioformações de nosso caso – que pressionam, se articulam e configuram situações em função dos próprios processos em jogo nessa *transa*. Vê-se aí um diferencial claro para com as abordagens de base epistemológica, já que não se pressupõe um *sujeito* diante de algum *objeto* para que haja conhecimento: são, sim, *formações em transa resultando em conhecimento*. Conclui-se, pois, de modo amplo, que: *as formações, quaisquer, são conhecimento*, o que implica uma pragmática que sempre parta do próprio conhecimento (e não de sujeito/objeto) em sua tentativa de pensar o conhecimento (Magno [2008]). É uma pragmática que, em suas ações, recorre à suspensão das oposições – a indiferenciação – que se dá no ponto bífido que caracteriza o revirão. “Indiferença” aí não significa desinteresse ou descaso, e sim que – neste ponto – as diferenças entre as formações (não se desfazem, mas) se *equivalem*, abrindo, portanto, a possibilidade de interesse por *todas* as formações em jogo numa *transa*.

Protocolo próprio

Esperamos ter apresentado minimamente alguns conceitos utilizados pela Transformática, a teoria psicanalítica da comunicação: a *pulsão*, a deriva da força

¹⁴ O termo *transa* é aqui utilizado conceitualmente, englobando não só a ideia de transação (sexual, inclusive), mas também as de transe e transiência das formações.

constante chamada Libido no sentido de sua (impossível) extinção; o *Haver* (diferente do Ser) e o *não-Haver* (requisitado, mas de impossível realização); o *revirão* perene das oposições, seu *ponto bífido*, e a possibilidade de criação de *próteses*, a *teoria das formações*, que reconhece *polos* (neles descobrindo *focos* e buscando descrever suas *franjas*), e não fronteiras; as *transas das formações*, das quais resulta *conhecimento* (sem sujeito ou subjetividades) – e, afinal, a *comunicação* como o processo dos acoplamentos das formações em meio à co-moção que há entre elas.

Como a Transformática organiza seu campo em torno da operação do revirão, ela pode reconhecer em outros campos, ainda que não assumida como tal, uma permanente recorrência do processo de revirão¹⁵. Isto lhe possibilita lançar mão do que se produz nesses outros campos, mas o tratamento que dará a estas produções será específico de seu campo próprio. Dito de outro modo, a tarefa precípua de sua prática é reconhecer, descrever e buscar desfazer recalques que estejam impedindo a operação do revirão, e, para tanto, pode se utilizar do que quer que haja (produções artísticas, filosóficas, científicas...) segundo o protocolo do mesmo revirão. É, pois, uma teoria que promove a abstração em relação aos conteúdos e aparências das formações como condição para descrever a dinâmica do processo comunicacional envolvido nos intercâmbios entre as formações; e que, sobretudo, se propõe a destacar os vetores de força presentes nas diversas situações (sociais, políticas, mentais, e mesmo cosmológicas) no sentido de detectar hegemonias, ideologias e mitemas em funcionamento na cultura e nas mentes (os quais, frequentemente, impedem inovações).

¹⁵ Por exemplo, na *arte*, o que Marcel Duchamp traz como *readymade*, cuja escolha se baseia na "ausência total de bom ou mau gosto", *i.e.*, na "indiferença visual" (Cabanne [1966]: 84); na *filosofia*, as mutações chamadas de corte epistemológico por Gaston Bachelard, ou de novo paradigma por Thomas Khun; na *ciência*, propostas como a dos quanta, por Max Planck, que regionalizam as leis da mecânica newtoniana; na *religião*, o advento do cristianismo no seio do judaísmo, e, atualmente, a queda da referência ao nome do pai, que, por sua vez, coloca em crise os fundamentos do cristianismo; etc.

Esperamos, assim, também ter explicitado os “lastros” constituintes desta teoria, e que eles não se deixam atrelar a protocolos subditos à alternativa “se mera prática social, se doutrina, se campo científico”. Note-se que considerar os acontecimentos a partir do vetor pulsional das transas das formações difere radicalmente de organizar o entendimento segundo as configurações sociais que elas tomam. Como estas configurações são efeitos da co-moção, tomá-las como matrizes deixa fora da consideração uma enorme gama de formações que estão agindo e não têm como ser abordadas pelos aparelhos teórico das ciências “sociais”.

Aplicações

O paradigma pulsional organiza suas aplicações segundo o modelo que Freud apresentou em três incursões suas realizadas no decorrer da década de 1920, que se tornaram exemplares da abordagem psicanalítica de questões empíricas e culturais.

Sua primeira incursão se dirige à psicologia das massas (1921), inquirindo sobre como um grupo adquire a capacidade de exercer forte influência na vida mental do indivíduo. Naqueles tempos próximos à tomada de poder pelo nacional-socialismo na Europa, além de sua observação direta, Freud dialoga com os autores que trataram do tema e aponta que os fenômenos mentais são básica e intrinsecamente dependentes de atividades vinculares (comunicacionais), cujos níveis, em última instância, definiriam os movimentos desejantes gerais da espécie humana (Silveira Jr., 2006, p. 53). A presença destas ideias em pesquisas orientadas pelos estudos culturais hoje já é lugar comum.

Seis anos depois, Freud pesquisa sobre civilização, educação, relações familiares, atitudes religiosas, e, em consonância com outros pensadores da época, enfatiza pontos e questões posteriormente incluídas no quesito “trabalho imaterial”, por exemplo. Diz ele então que, além do controle da natureza para a obtenção de riquezas, “parece agora que a ênfase se deslocou do material para o mental” (Freud

[1927], p. 17). Sua terceira incursão, em 1930, é a pesquisa sobre o mal-estar na cultura. Entre o destacamento de itens como a função do trabalho na economia libidinal, ele reafirma que o homem, “por assim dizer, tornou-se uma espécie de ‘Deus de prótese’” (Freud [1930], p. 111), raciocínio este que permeia linhas atuais de pesquisa sobre cibercultura, pós-humano, etc.

Conclusão

Concluiremos, pois, nossa exposição, listando duas das pesquisas em que foram utilizados os conceitos da Transformática expostos acima:

a) A transformação dos vínculos no ciberespaço. Pesquisa¹⁶ sobre anorexia e bulimia – tomadas como fenômenos vinculares difundidos pelas redes sociais da internet – realizada no intuito de apreender modos de construção dos vínculos que se disponibilizaram a partir da década de 1990 e que não eram claramente visíveis antes por lhes faltar dispositivos técnicos de difusão adequados.

A hipótese inicial foi que vários aspectos dessa nova rede sociotecnológica seriam melhor destacados se fossem aplicados à sua metodologia alguns conceitos psicanalíticos aperfeiçoados nos últimos anos. Visava-se uma compreensão dos vínculos em geral e dos desdobramentos exemplares que tomam nos websites em que seguidoras¹⁷ da Ana e da Mia (apelidos para anorexia e bulimia) falam sobre sua relação com a alimentação e a imagem corporal, afirmando que a sociedade lhes impõe que sejam magras e que só as magras conseguem popularidade e aceitação. Para elas, o padrão de magreza extrema é considerado o ideal. A morte, em geral é considerada uma consequência indesejada, mas não um empecilho. Os tópicos de discussão pesquisados mostraram que a maioria delas tinha consciência de que

¹⁶ Realizada para dissertação de Mestrado sob nossa orientação. Cf. Reis, 2009 e Silveira Jr.; Reis, 2009.

¹⁷ Em grande maioria do sexo feminino, sobretudo, jovens entre 13 e 17 anos.

podia lhes acontecer, mas a declaração mais frequente era a da disposição para “morrer lutando”¹⁸.

Essa disposição de luta assim enunciada serviu de fio condutor para a pesquisa. Para além de sua referência negativa ao apetite, abordar esta disposição afirmativamente possibilitou tomar o viés pulsional como referência para entender os níveis e as consequências de seu enredamento sociotecnológico. As perguntas iniciais foram: o que anas e mias expressavam ao se conectarem em rede visaria “interagir com outros usuários” e “construir identidade social”¹⁹? Criar “espaços de organização social” e de “constituição do *self*”²⁰?

Retomando nossa exposição dos conceitos, cabe reforçar que a cada vez que movimento pulsional atinge o ponto máximo de aproximação de sua extinção, que é seu objetivo último, depara-se com a impossibilidade de realizá-lo *em presença*, pois se o fizesse extinguir-se-ia enquanto movimento. Ou seja, é impossível realizar-se a extinção absoluta estando presente a esta extinção. Pudemos ver, então que o alegado objetivo de perfeição corporal das anas e mias só seria obtível em sua não-consecução postergada, caso contrário elas pereceriam.

Visualizou-se nisso uma boa expressão tanto da inevitável condenação a existir sem saída da existência, quanto do fato de que é dentro desta condenação que se produzem e se transformam nossos vínculos. Se considerarmos que tudo que se manifesta força à vinculação e que somos seres essencialmente vinculares, como supõe outro conceito freudiano importante, o de transferência (*Übertragung*), estabelece-se uma gradação geral para os vínculos²¹. São *relativos* os vínculos presentes nas rotinas do mundo (amor / ódio, dor / prazer, pertencimento /

¹⁸ Os dados da pesquisa estão parcialmente publicados em Silveira Jr.; Reis, 2009.

¹⁹ Modos que definem os focos dos sites de redes sociais (Recuero, 2008, p. 38).

²⁰ Expressões utilizadas por Motardo e Passerino (2006) referentes aos blogs como espaços de socialização mediados por computador.

²¹ A teoria dos vínculos já foi exposta em “Vínculo absoluto & vínculos relativos: comunicação e psicanálise” (Silveira Jr., 2006, p. 49-64).

desenraizamento, teoria / prática, p. ex.) por serem demasiado dependentes de nossas formações biológicas e culturais, as quais, por mais sofisticadas que sejam, sempre são reativas a qualquer tentativa de modificação. Concebe-se, entretanto, um tipo de vínculo que não é relativo, o *vínculo absoluto* – conceito importante da Transformática –, no qual ocorre a suspensão das oposições, ou seja, a possibilidade de indiferenciação que os humanos portam como distinção para com os demais vivos (Magno [1993], p. 9): todos se vinculam absolutamente a essa possibilidade de indiferenciação, e não entre si.

Num trecho de música que circula entre elas²² – “Será que ninguém aqui vai te deixar desaparecer?” –, constatou-se uma boa percepção de que a vincularidade ao movimento para a extinção e à impossibilidade de realizá-lo jamais desaparecerá e pressionará sempre por menor que seja o peso corporal atingido, pois a nada que exista é dada a possibilidade de não ter “aparecido”, ou seja, de não ter existido vincularmente. Esta constatação possibilitou detectar nos sites *ana e mia*, além da expressão de algo problemático para os envolvidos, um modo de expor que somos todos absolutamente vinculados ao próprio fato de sermos “vinculares” (Magno [1993], p. 42). Isto, para além das aparências e conteúdos que os vínculos tomam em suas manifestações no mundo.

b) A criação de um fato pornoerótico. Tomemos agora a abordagem do caso de Hilda Hilst (1930-2004), escritora intelectualmente reconhecida que, no final dos anos 1980, decide escrever um texto pornográfico, *O Caderno Rosa de Lori Lamby*²³, para vender mais livros. A pesquisa (Silveira Jr., 2007 e 2008) buscava contextualizar sua exemplaridade ao ter captado com acuidade a consolidação, no Brasil, do entendimento da crise dos fundamentos e da queda das fronteiras que impulsionaram o esmaecimento de diferenças até então supostamente claras como

²² *Me and Mia*, da banda norte-americana Ted Leo and the Pharmacists.

²³ Pesquisa realizada no âmbito da disciplina “Estética e comunicação de massa”, ministrada na Faculdade de Comunicação / UFJF. Desde 1998, a leitura deste texto vem sendo ininterruptamente indicada aos alunos para a realização do trabalho final.

aquela entre pornografia e erotismo. Verificou-se que o início dos anos 1990 é quando os brasileiros, em retardo quanto ao que já ocorria em outros países, consciente ou inconscientemente, percebem que não é mais possível alegar “inocência” em relação a nada – escândalos político-financeiros, atos terroristas, cinismos familiares, práticas sexuais heterodoxas, balas perdidas, etc. –, pois, para bem ou para mal, eram planetariamente partícipes e concernidos num modo de funcionamento do mundo nunca antes experimentado assim.

Com seu livro, Hilda cria um *fato* (e não uma interpretação): declara querer ser lida pelo grande público – no qual, ato contínuo, prega uma peça. Se, ao contrário da alta literatura, a pornografia seria lida por muitos²⁴, aceitariam estes uma Lori Lamby, de oito anos, que se comprazia em receber cartas de teor chulo de homens mais velhos? Seria ingênuo pensar que Hilda, mesmo pretendendo escrever para leitores que gostam de ler “bandalheiras”, não soubesse que estava tratando seu tema de modo pouco ou talvez definitivamente não palatável para eles.

Pudemos ver que ela expôs uma passagem entre dois campos supostamente opostos – pornografia e erotismo –, mas bastante emblemáticos do que ocorria no panorama chamado pós-moderno, o qual, à época, ainda não mostrara muito sua versão brasileira. Sua originalidade não foi expor, mas, sobretudo, expor-se nessa mostra²⁵. Ela, ficcionalmente, construiu um generalizado *reality show* recheado de situações das quais, queiramos ou não, participamos de algum modo. Tudo se expandia e se passava num lar de classe média intelectualizada, onde cotidiano, bandalheira e loucura conviviam e envolviam explosivamente toda a família.

A aplicação do conceito de Indiferenciação à pesquisa possibilitou utilizarmos o conceito de *vínculo absoluto* (Magno [1993]), que, como dito acima, se caracteriza por ser suspensivo dos conteúdos dos demais vínculos (naturais, culturais, etc.).

²⁴ Na época, a leitura de livros ainda tinha certa hegemonia na transmissão cultural.

²⁵ A quarta capa da primeira edição do livro (ilustrado por Millôr Fernandes) reproduz um retrato seu aos seis anos (de 1936) com a legenda: “Ela foi uma boa menina”.

Pudemos verificar que Hilda sempre teve uma boa percepção do vigor deste vínculo em diversos momentos cruciais. Tanto que pôde entender a pressão indiferenciante em vigor no Brasil dos anos 1990 ao ir fundo no trato estético da pornografia a ponto de in-deferenciá-la em pornoerotismo, e mesmo indicando a suspensão de ambos na santidade.

c) Atualmente (2015-2017), quatro dissertações de mestrado em curso trabalham com o aparelho teórico da Nova Psicanálise pesquisando: (a) a concepção de “Eu” expressa nas redes sociais digitais e nos contatos pessoais presenciais; (b) a experiência musical contemporânea (ruído / som) e as próteses; (c) o comportamento brasileiro que, em sua faceta dita *vira-lata*, pode conter pistas fundamentais sobre a postura que os novos cenários culturais do mundo em rede exigem em relação à desvinculação e ao desrecalcamento dos referentes anteriores aos anos 1980; e (d) expressões de gêneros e sexualidades para além das fronteiras binárias (macho/fêmea, homem/mulher e masculino/feminino), com ênfase nas representações do que se entende por feminilidade.

Referências

ALONSO, Aristides. Aspectos do verbo Haver e seu uso na Nova Psicanálise. **TranZ: Revista dos Estudos Transitivos do Contemporâneo**, v. 5, 2010. Acessar: http://www.tranz.org.br/5_edicao/TranZ10-Aristides-VerboHaver-RevMD.pdf

CUSA, Nicolau de. [1514] Deus é visto para lá da coincidência dos contraditórios e o seu ver é ser. In: **A visão de Deus**. Lisboa: Gulbenkian, 1988. p. 168-171

FREUD, S. [1930] **Mal-estar na Civilização**. ESB, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 73-171

_____. [1927] **O Futuro de uma Ilusão**. ESB, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 11-71

_____. [1925] As resistências à psicanálise. In: Sigmund Freud: **Obras completas**, volume 16. São Paulo: Cia. Das Letras, 2011. p. 252-266. Trad.: Paulo César de Souza

_____. [1923] "Psicanálise" e "Teoria da libido". In: Sigmund Freud: **Obras completas**, volume 15. São Paulo: Cia. Das Letras, 2011. p. 273-308. Trad.: Paulo César de Souza

_____. [1921] **Psicologia de Grupo e Análise do Eu**. ESB, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 87-179

_____. [1920] **Além do princípio de prazer**. ESB, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 13-85

HILST, Hilda. **O caderno Rosa de Lori Lamby**. São Paulo: Massao Ohno, 1990.

MAGNO, MD. [2009] Clownagens. Rio de Janeiro: NovaMente, 2012. Cf. trecho, A presença do Revirão, publicado em **Tranz**: Revista dos Estudos Transitivos do Contemporâneo, v. 4, 2009. Acessar: http://www.tranz.org.br/4_edicao/artigos/MD%20Magno_APresencaDoRevirao.pdf

_____. [2008] **AdRem**: Gnômica ou MetaPsicologia do Conhecimento. Rio de Janeiro: NovaMente, 2014.

_____. [2005] **Clavis universalis**: da cura em psicanálise: revisão da clínica. Rio de Janeiro: NovaMente, 2007.

_____. [2000/2001] **Revirão 2000/2001**: "Arte da Fuga" e Clínica da Razão Prática". Rio de Janeiro: NovaMente, 2003.

_____. [1998] **Introdução à transformática**. Rio de Janeiro: NovaMente, 2004.

_____. [1996] **"Psychopathia sexualis"**. Santa Maria: Editora UFSM, 2000.

_____. [1994] **Velut luna: a Clínica Geral da Nova Psicanálise**. Rio de Janeiro: NovaMente, 2008.

_____. [1993] **A Natureza do vínculo**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

_____. [1982] **A Música**. Rio de Janeiro: Aoutra, 1986.

MONTARDO, Sandra Portella; PASSERINO, Liliana Maria. **Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações**. Novas Tecnologia na Educação. Revista Novas Tecnologias de Informação, Porto Alegre, v. 4, n. 2., 2006.
<http://www.cinted.ufrgs.br/renote/dez2006/artigosrenote/25065.pdf>

RECUERO, Raquel. Estratégias de personalização e sites de redes sociais: um estudo de caso de apropriação do Fotolog.com. In: **Comunicação, mídia e consumo**. ESPM. São Paulo, vol.5, n. 12, p. 35-56, mar. 2008.

REIS, Vanessa Alkmin. **Websites pró-ana e mia: redes sociais e suas transformações**. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGCOM/UFJF e aprovada em 2009.

SILVEIRA Jr., Potiguara Mendes da; REIS, Vanessa Alkmin. Vínculos no ciberespaço: websites pró anorexia e bulimia. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 39, agosto de 2009, p. 91-97. Disponível em:
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/5847/4241>

SILVEIRA Jr., Potiguara Mendes da. Um fato midiático: o pornoerotismo do "Caderno Rosa". In: LAHNI, Cláudia Regina; PINHEIRO, Marta de Araújo (orgs.). **Sociedade e comunicação: perspectivas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2008. p. 141-155. Também disponível em:
http://www.tranz.org.br/pdf_2/potiguara_cadernorosa.pdf

_____. (org.). "O pornoerotismo do "Caderno Rosa": um pequeno dossiê". **COMUM**, vol. 13, nº 28, jan-dez 2007. O artigo inclui textos dos alunos de graduação: Clarice Fernandes, Érica Cristina Procópio Campos, Flávia Vilela e Iara Marques do Nascimento.

_____. **Artificialismo total.** Ensaio de transformática. Comunicação e psicanálise. Rio de Janeiro: NovaMente, 2006.

SODRÉ, Muniz. Comunicação: um campo em apuros teóricos. **MATRIZES.** São Paulo: ano 5, n. 2, jan./jun. 2012, p. 11-27.

Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/336/pdf>

_____. Sobre a episteme comunicacional. **MATRIZES.** São Paulo: ano 1, n. 1, out. 2007, p. 15-26. Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/38/61>

Acesse esse e outros artigos da **Revista Observatório** em:

